



NAÇÕES UNIDAS
CONSELHO ECONÓMICO E SOCIAL
COMISSÃO ECONÓMICA PARA ÁFRICA

*Quadragesima sexta sessão da Comissão Económica
para África*

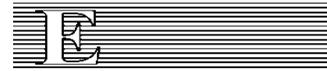
Sexta Reunião Anual Conjunta da Conferência de
Ministros de Economia e Finanças da UA e da
Conferência dos Ministros Africanos das Finanças,
Desenvolvimento Económico e planificação da CEA

Abidjan, Côte d'Ivoire
21–26 Março de 2013



COMISSÃO DA UNIÃO
AFRICANA

Oitava Sessão do CAMEF



Distr.: GERAL

E/ECA/COE/32/Inf/2
AU/CAMEF/EXP/Info.2(VIII)
19 de Dezembro de 2012

Original: INGLÊS

MEMORANDO

Tema: Industrialização para uma África Emergente

I. Antecedentes

Desde o início da década 90, África tem vindo a registar taxas de crescimento sólidas. Contudo, este bom desempenho em termos de crescimento foi interrompido pela recessão global de 2008-2009. Apesar da gravidade da recessão global, que foi impulsionada pela crise financeira e económica de 2007-2008, o continente não entrou em profunda recessão, mas viu as suas economias abrandarem significativamente. A influência negativa da crise mundial reduziu o crescimento médio da economia africana para aproximadamente 2% por cento, muito abaixo dos cerca de 5 a 7 por cento registados anteriormente. Embora existam ventos turbulentos provenientes da Zona Euro, a crise financeira de 2007- 2008 já passou e a economia de África está a recuperar rapidamente, prevendo-se que cresça entre 5 a 7 por cento no período compreendido entre 2012-2015.

É interessante notar que seis das dez economias que mais rapidamente crescem no mundo (República Democrática do Congo, Etiópia, Gana, Moçambique, Tanzânia e Zâmbia) se encontram em África, registando pelo menos 7% de taxa de crescimento. O optimismo em todo o mundo tem levado alguns analistas a prever que a economia média africana irá superar a sua contraparte Asiática nos próximos cinco anos. A respeitada revista *The Economist*, que apelidou África há uma década, como *o continente sem esperança* está actualmente a destacar as suas perspectivas económicas, denominando-o de *Continente da Esperança*.

O recente crescimento de África pode ser explicado por uma série de factores, incluindo: (a) implementação de políticas macroeconómicas prudentes, tais como a redução do endividamento, uma orientação monetária de baixa inflação e uma melhoria das condições de investimento; (b) o aumento dos preços dos produtos de base pós-2002 e o aumento da produção de petróleo; e (c) aumento do influxo de capitais estrangeiros, tanto de capital privado como de Investimento Directo Estrangeiro (IDE).

Enquanto o crescimento sustentado tem contribuído significativamente para a rápida transformação económica noutras partes do mundo, em África tem-se observado que o relativamente bom desempenho, em termos de taxa de crescimento, não foi inclusivo, dado que muitos milhões de africanos são apanhados na armadilha da pobreza devido em grande parte à falta de diversificação das fontes de crescimento, incluindo uma dependência contínua e excessiva das exportações de produtos de base. Da mesma forma, o crescimento tem sido “sem emprego” e tem sido acompanhado por uma crescente desigualdade em alguns países. Além disso, recursos naturais significativos de África estão a ser extraídos e exportados na sua forma bruta e não como produtos acabados. Portanto, nenhum valor é adicionado à exportação dos produtos de base de África.

Esta é uma oportunidade séria perdida, se tomarmos em consideração um desenvolvimento económico mais robusto, diversificado e sustentável. Além disso, alguns desses recursos representam bens insubstituíveis, não renováveis e a sua exploração tem geralmente fracas ligações com o resto da economia e, conseqüentemente, uma contribuição mais baixa para o PIB, do que poderia ser alcançada. Além disso, a dependência de África em exportações de produtos de base expõem-na aos preços voláteis dos produtos de base e a resultante instabilidade económica.

Para transformar significativamente as economias dos países africanos dos presentes níveis de baixa renda para níveis de rendimentos médios, é fundamental que seja significativamente acrescentado valor à grande reserva de recursos naturais e agrícolas de África. Isto irá impulsionar extraordinariamente o desempenho económico, bem como irá tirar muitos africanos da pobreza

através da criação de riqueza e de emprego. O aumento da procura dos recursos naturais de África, juntamente com a crescente urbanização e a procura pelo consumidor dos produtos transformados dentro do continente proporcionam uma oportunidade para industrialização baseada em recursos. Na verdade, África possui o potencial de aumentar a sua produção de produtos de maior valor acrescentado.

A aceleração da industrialização pode potencialmente contribuir para a expansão do comércio em África, e entre África e o resto do mundo através da diversificação das exportações. Além disso, a criação de indústrias de processamento de alimentos na África rural contribuiria para tirar um número significativo de africanos da pobreza. Existem dados que mostram que uma série de países africanos ricos em recursos naturais permaneceram pobres, enquanto outros países com poucos recursos naturais se tornaram mais ricos através da implementação de políticas que promovem o acréscimo de valor, demonstrando que a prosperidade e o alívio da pobreza são consequências de escolhas políticas inteligentes. Portanto, os países africanos devem aproveitar as crescentes oportunidades de promover a industrialização.

Apesar dos progressos realizados em vários países, a industrialização em África continua a ser um desafio. Primeiro, a agricultura não foi suficientemente modernizada e a base de produção é muito baixa em todo o continente. A produção é dominada por actividades artesanais, principalmente no sector informal e é, portanto, insignificante na maioria das economias africanas. África, portanto, está atrasada em relação a outras regiões em desenvolvimento no seu desempenho industrial. Em segundo lugar, o grau de diversificação da exportação é muito baixo, dado que a maioria dos países africanos continua a exportar produtos de base pouco sofisticados. Actualmente, apenas um pequeno grupo de países domina a produção industrial africana (a África do Sul, a Tunísia, o Marrocos e o Egipto), e conseguiram diversificá-la em certa medida. Em terceiro lugar, uma série de países africanos são países sem litoral e enfrentam elevados custos de transporte, baixa densidade económica e o isolamento geográfico em relação aos agrupamentos de alto crescimento. Os mercados são pequenos e fragmentadas na maior parte de África.

As aglomerações industriais e a diversificação não são também muito comuns em África. *O Relatório Económico para África de 2007* indicou que a maioria dos países africanos estava ainda numa fase muito inicial do desenvolvimento industrial. O Relatório recomenda que os países africanos devem envidar esforços no sentido de diversificar os produtos de maior valor através da capitalização das suas riquezas minerais e agrícolas.

Para aproveitar os seus recursos minerais e agrícolas, África necessita de aumentar a sua participação numa vasta gama de cadeias de valor mundiais (CVG), começando com a extracção de recursos naturais e a agro-indústria e entrando mais tarde noutras cadeias de valor mundiais de produção para criar riqueza e emprego. Para que África seja bem-sucedida nos seus esforços de diversificação, são necessárias novas políticas industriais que apoiem a exploração do seu potencial industrial.

O sucesso de qualquer programa de industrialização requer a criação de um ambiente propício que aumente a necessária capacidade e aptidão doméstica, especialmente no que diz respeito à infra-estrutura física e social, capital humano, sistemas financeiros, investigação e desenvolvimento (RD), tecnologia e governação. Além disso, os governos devem criar quadros regulamentares para resolver as deficiências de mercado. A criação do referido ambiente propício ajudará a concretizar todo o potencial do sector privado Africano numa economia industrializada. O aprofundamento da integração regional também oferece o potencial para África resolver alguns dos desafios que enfrenta na prossecução de um programa de industrialização.

É preciso reconhecer que os empresários em África continuam a enfrentar grandes obstáculos regulamentares e administrativos. Relativamente a outras regiões do mundo, a protecção dos direitos de propriedade e do investidor é fraca. Embora haja melhorias em alguns países, fazer negócios em África não é fácil dado que os empresários enfrentam elevados custos das operações, devido a mercados pequenos e fragmentados, procedimentos administrativos complicados e morosos, nós de estrangulamento burocráticos e má infra-estrutura física e financeira.

Assim, há uma necessidade de políticas adequadas que incentivem o desenvolvimento do sector privado em África. Isto deve-se ao facto de que um sector privado credível tem um impacto positivo no crescimento económico e na redução da pobreza através da capacidade de contribuir para a modernização das economias rurais subdesenvolvidas e das economias urbanas informais. Além disso, os vastos recursos inexplorados de África e a abundância de trabalho oferecem oportunidades para o desenvolvimento do sector privado e para atrair o investimento privado. África também oferece grandes mercados inexplorados e todos os benefícios das economias emergentes, bem como possibilidades atraentes de diversificação de investimentos.

II. Objectivo e Enfoque da Conferência dos Ministros de 2013

O que foi destacado acima, é uma razão forte para África adoptar uma estratégia de industrialização em apoio à sua agenda de desenvolvimento. O crescimento económico de África é actualmente, em grande parte, impulsionado pelas exportações de produtos de base, especialmente o petróleo e os metais. Isto contrasta nitidamente com o padrão de crescimento de outras regiões em desenvolvimento, especialmente a Ásia, onde o crescimento tem sido impulsionado por uma sólida agenda de industrialização, que coloca maior enfoque na produção industrial. A desvantagem da dependência de África de uma via de crescimento orientada para os produtos de base, inclui os riscos de extracção de recursos, vulnerabilidade à deterioração de termos de comércio desfavoráveis, os riscos da sobrevalorização da moeda como resultado da doença Holandesa, fracas ligações tanto a montante como a jusante à economia doméstica, uso limitado de tecnologias avançadas e, acima de tudo, a fraca criação de emprego.

O estado actual das economias Africanas pode ser revertido com busca de estratégias fortes de industrialização, com maior ênfase na adição de valor para os sectores extractivo e da modernização da agricultura. A grande maioria dos pobres em África vivem em áreas rurais e dependem da agricultura para a sua subsistência. Um sector de agricultura modernizado que seja de mão-de-obra intensiva, que cria empregos e gera valor acrescentado nas actividades de agro-processamento iria tirar muitos africanos da pobreza. Um sector de agricultura modernizado também implica ligações significativas tanto a montante como a jusante à economia doméstica. Tais ligações não existem ao mesmo nível nas indústrias extractivas.

Na verdade, uma estratégia de desenvolvimento orientada para a agro-indústria, envolvendo maior valor acrescentado e um crescimento da produtividade mais vigoroso em todo o sistema de cadeia de valor da economia, oferece muitas oportunidades e promessas para um crescimento económico e criação de riqueza rápido e abrangente e para a redução da pobreza para as populações rurais de África. Importa mencionar que a agenda de transformação de África não terá êxito sem a implantação de uma capacidade industrial eficiente, bem como infra-estruturas acessíveis, incluindo a energia, as inovações baseadas na tecnologia, uma comércio externo e intra-africano melhorado, bons mecanismos financeiros e cadeias de distribuição de suprimentos agrícolas reforçadas.

A Conferência, que se tornou o principal fórum do continente para os Ministros Africanos Responsáveis pelas Finanças, Economia e Desenvolvimento Económico, bem como para os

Governadores dos Bancos Centrais para debaterem questões pertinentes à agenda de desenvolvimento de África, será realizada sob o tema: *Industrialização para uma África Emergente*. Este tema abrangente tem como base as recomendações das Conferências anteriores e, particularmente um resultado da Conferência de 2012, ou seja, renovado vigor para " *explorar o potencial de África como um pólo de crescimento global*."

Conforme debatido anteriormente, a aceleração da agenda de industrialização de África é uma forma através da qual os recentes bons resultados no crescimento económico podem ser sustentados. A industrialização também contribuirá para a criação sustentada de riqueza dado que os recursos naturais de África, e outras matérias-primas serão convertidos em produtos de valor acrescentado para exportação para mercados mundiais. Além disso, a industrialização ajudará a construir economias competitivas que podem ser produtivamente integradas na economia global. A Industrialização é, portanto, uma condição prévia para que África registre um desenvolvimento acelerado.

A conferência abordará a questão de saber de que modo os países africanos podem definir e aplicar estratégias industriais eficazes e políticas que irão apoiar a promoção da adição de valor e transformação económica e reduzir a dependência da produção e exportação de materiais não transformados. Tais estratégias não devem apenas centrar-se na promoção de elevado crescimento sustentável a longo prazo, mas devem garantir igualmente que os benefícios desse crescimento sejam amplamente partilhados a fim de reduzir a pobreza e melhorar as condições de vida de todos os africanos.

A Conferência terá quatro sessões plenárias:

1. *Aceleração da industrialização em África*
2. *Industrialização e Transformação Estrutural em África*
3. *Planificação da Industrialização*
4. *Financiamento de Industrialização de África.*

A Conferência, que terá a participação de oradores de alto nível de África e de outras regiões, será interactiva, baseada no *Estilo de Davos*, para dar aos Ministros uma oportunidade de debater e trocar experiências sobre como transformar as suas Economias. Os debates basear-se-ão em documentos temáticos e documentos de base técnica que sintetizam os resultados de pesquisas recentes sobre o assunto, incluindo a apresentação de recomendações de política pragmática e destacando as melhores práticas em termos de políticas e medidas adoptadas pelos Estados-membros na formulação e implementação de políticas industriais.

A Conferência de 2013 promete ser um evento emocionante e envolvente, com grandes expectativas, como os tópicos a serem discutidos e as decisões a serem tomadas terão implicações importantes para o futuro da África. Industrialização tem o potencial para ser um poderoso motor do crescimento pró-pobre sustentável nos países africanos. Os ministros vão colocar maior ênfase nas políticas e instituições necessárias para a transformação de baixa produtividade e de sistemas orientados a subsistência, para sistemas de produção eficientes. A busca de uma agenda de industrialização Africana deve ser sustentada por esforços em níveis nacionais, regionais e continentais para restrições de desenvolvimento de ligação de endereço dentro de um quadro holístico de desenvolvimento económico e social.

III. Modelo da Conferência

Um painel de alto nível de personalidades eminentes, altos dirigentes governamentais e ilustres peritos de organizações regionais e internacionais, incluindo o sistema das Nações Unidas e o Banco Mundial, irão orientar os debates. As sessões interactivas moderadas, com a participação do painel e audiência ajudarão a maximizar as contribuições dos delegados e participantes.

A Conferência será precedida por uma reunião técnica preparatória do Comité de Peritos, que irá analisar o tema e apresentar recomendações aos Ministros para adopção. Além disso, a Comissão irá rever o estado das situações económicas e sociais em África, apreciar outras questões jurídicas relacionadas com o trabalho da Comissão da União Africana (CUA) e o Secretariado da CEA e apresentar recomendações apropriadas para a apreciação.

IV. Resultados Previstos

O Comité de peritos irá preparar e adoptar um relatório conciso sobre as principais recomendações e resoluções da sua reunião e apresentá-lo para adopção à conferência de Ministros.

Espera-se que a Conferência leve à adopção de uma declaração política ministerial, que constituirá a base para uma acção concertada a nível nacional e regional sobre as questões debatidas. A Declaração Ministerial e outros resultados da Conferência serão submetidos pela CUA como contribuições principais para orientar os debates da Conferência da União Africana dos Chefes de Estado em Maio de 2013. A CEA irá também apresentar os documentos ao Conselho Económico e Social das Nações Unidas.

V. Documentação

Um documento de reflexão sobre o tema da conferência e documentos técnicos de trabalho sobre os subtemas das sessões plenárias orientarão os debates da conferência. Outros documentos e relatórios a serem apresentados incluem:

1. O Relatório Económico sobre África de 2013, relativo ao tema “*Tirar o máximo proveito dos Produtos de Base de África*,”
2. Relatórios e outros documentos parlamentares da CUA e CEA sobre as suas actividades no ano transacto.

VI. Participação

Os participantes e delegados à esta Conferência incluirão Ministros e representantes dos Estados-membros, as Comunidades Económicas Regionais, Agências das Nações Unidas, o Banco Africano de Desenvolvimento, a Mesa da Associação dos Bancos Centrais Africanos, a Associação das Universidades Africanas, a Fundação de Capacitação para África, o Banco Árabe para o Desenvolvimento Económico em África, a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e outras organizações intergovernamentais. Convites serão alargados a outros parceiros de cooperação, organizações não-governamentais e ao sector privado.

VII. Contactos

Para obter mais informações sobre a Conferência e a Reunião do Comité de Peritos, por favor contacte: Sr. Demba Diarra, Secretary to the Commission, ECA (Tel: +251 911223925, e-mail: ddiarra@uneca.org); or representatives of AUC: Mr. Abdallah Msa, Head of Division, Economic Policies and Research Division (Tel: +251 911784692, Fax: +251-11 5510249, e-mail: AbdallahM@africa-union.org); Mr. Abia Sunday Udoh, Policy Officer, Economic Policies and Research Division (Tel: +251 921947016, Fax: +251-11 5510249, e-mail: UDOHAS@africa-union.org); and Ms. Victoria Egbetayo, Policy Officer, Economic Integration and Regional Cooperation Division (Tel: +251 910204691, Fax: +251-11 5510249, e-mail: egbetayov@africa-union.org).